

HISTÓRICO DA PALAVRA SERTÃO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Rayanne Kételle Ribeiro (UNIMONTES)

Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

t2lm1b3rg2s@yahoo.com

RESUMO

O sertão, não só em *Grande Sertão: Veredas*, mas na maioria das obras Guimarães Rosa, é uma constante; e isso não diz respeito apenas à forma como é apresentado, mas à frequência e aos modos como comparece. Desde o mais remoto registro sobre o Brasil, o sertão aparece sob a pena de vários pesquisadores e escritores; é o caso dos registros de viagens de exploradores da grande colônia Brasil, assim como evidencia Willi Bolle em *grandesertao.br*. Spix e Martius exploraram a região entre Januária e Goiás em 1818. Janaína Amado defende a importância do sertão, apontando sua existência nos relatos de curiosos, cronistas e viajantes que por ali passavam. Desde a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelo *Tratado de Terras do Brasil* e *Tratado Descritivo do Brasil* a palavra “sertão” aparece como termo que exprimia para a colônia uma ideia das terras encontradas e da necessidade de ser povoada em função de suas riquezas naturais. No século XVII aparecem as primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil, como a realizada por frei Vicente do Salvador. Daí para frente muitos são os relatos históricos e textos literários que tentam elaborar uma categoria de sertão por oposição ao litoral, espaço privilegiado pela ocupação do colonizador. No século XX há dois casos emblemáticos na literatura brasileira: Euclides da Cunha com *Os Sertões* (1902) e Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas* (1956) que, numa releitura crítico-criativa de seu predecessor, insere o sertão no debate histórico da formação de um “Brasil profundo”. Levando em conta o termo em suas múltiplas dimensões conceituais, nosso objetivo é problematizar a categoria de sertão no romance rosiano a partir das miríades significativas que assume no decorrer do relato.

Palavras-chave: Literatura de Minas Gerais. Guimarães Rosa. Sertão. Espaço.

Começemos por fazer uma reflexão sobre a origem da palavra “sertão”, com base em pesquisas de variados estudiosos, de diferentes áreas.

Janaína Amado afirma que

“sertão” é uma das categorias mais recorrentes no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia. Está presente desde o século XVI, nos relatos dos curiosos, cronistas e viajantes que visitavam o país e o descreveram, assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil, como a realizada por frei Vicente do Salvador (1975). (AMADO, 1995, p. 147).

Num percurso pela origem da palavra, Albertina Vicentini, em diálogo com Gilberto Mendonça Teles, nos traz as seguintes informações:

A etimologia da palavra sertão pode nos dar a primeira pista para entender sua história de colonização. É ainda Gilberto M. Telles quem nos diz: *De-Sertum*, supino de *sedere*, significa “o que sai da fileira”, e passou à linguagem militar para indicar o que deserta, o que sai da ordem, o que desaparece. Daí o substantivo *desertanum* para indicar o lugar desconhecido onde ia o desertor, facilitando a oposição lugar certo e lugar incerto, desconhecido e, figuradamente impenetrável.

Observa ainda o crítico que o adjetivo *certum* através da expressão *domicilium certum* e da forma que tomou em português arcaico, *certão*, pode haver contagiado a significação (não a forma) de *desertanum* como “lugar incerto”, *sertão*, vocábulo que aponta sempre para um sítio oposto e distante de quem está falando. Deve ter-se formado também no século XV, na época da supremacia portuguesa nos mares, quando as naus portuguesas começavam a chegar às costas da África, cujo interior, visto do navio (ou litoral), era tido como *sertão*, assim como foi todo o continente africano visto por Portugal. Foi com esse sentido que a palavra chegou ao Brasil, em 1500, na carta de Pero Vaz de Caminha, que dizia: “de pomta a pomta he toda a praya parma mujto chaã e mujto fremosa. Pelo sertoão nos pareceu do mar mujto grande.” (VICENTINI, 1998, p. 5).

A autora faz referência também ao século XVI, quando a designação de espaço territorial longe da costa era para Portugal tanto a África quanto o Brasil. A ideia de sertão, como dependente do lugar de onde fala o enunciador, também é defendida por Alencar, que afirma:

No Brasil, do período colonial, a palavra sertão tem sido usada para fazer referência a áreas as mais diversas, pois seu enunciado depende do *locus* de onde fala o enunciante. Assim, sertão podia se referir, no período colonial (e até hoje), as áreas tão distintas e imprecisas do interior de São Paulo, da Bahia, a região amazônica, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, além do sertão nordestino [...]. Com baixa densidade populacional e, em alguns lugares, pela aridez da vegetação e do clima, o sertão assinala a fronteira entre dois mundos, o atrasado e o civilizado (ALENCAR, *apud* SILVA, 2000, p. 243).

Erivaldo Fagundes Neves faz um levantamento da origem da palavra sertão e chega às seguintes conclusões:

Filólogos contemporâneos atribuem étimo controvertido ou obscuro à palavra “sertão”, derivada do vocábulo latino *desertanu*, de genealogia pouco conhecida. Para todos, significa região agreste, despovoada, lugar recôndito, distante do litoral, mas não necessariamente árido; terra e povoação do interior; enfim, o interior do país (CUNHA, 1997; FERREIRA, 1986; HOUAISS, 2001). Desde os primórdios coloniais, empregavam-se para denominar interior, como se vê nos textos uniformes das cartas de doação das capitâneas hereditárias, de 1534, quando D. João III doou “dez léguas de terra ao longo da costa”, da respectiva fração territorial e administrativa colonial, a cada capitão donatário, facultando-lhes avançar “pelo sertão”, tanto quanto pudessem entrar (SILVA, 1925). Durante a ocupação e povoamento da América portuguesa, “sertão” expressou fronteira da colonização, campo de atividades bandeirantes, lugar onde se procuravam minérios e guerreavam-se contra os índios, degolando os homens e escravizando mulheres e crianças (grifo do autor). (NEVES, *apud* SILVA, 2009, p. 25).

Jaime Cortesão também sustenta que a primeira aparição da palavra no Brasil foi na carta de Pero Vaz de Caminha, em que este nomeia as terras recém descobertas com tal significação:

De etimologia controversa, a palavra “sertão” aparece, pela primeira vez, em referência às terras que constituiriam o Brasil, na carta de Pero Vaz de Caminha, no século XVI, para designar todo o território recém-descoberto pelos portugueses: “Mas segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infinitas maneiras não duvido que por esse sertão haja muitas aves!” (CORTESÃO, *apud* MELO, 2006, p. 87).

Segundo Valnice Nogueira Galvão,

num paciente trabalho de erudição, Gustavo Barroso percorre os principais dicionários e autores clássicos portugueses e brasileiros, chegando a algumas conclusões. Que, por exemplo, a palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. Ainda mais, que nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim com a de “interior”, de distante da costa: por isso, o sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais frequentemente com c (certão e certão [...]) do que com s. E vai encontrar a etimologia correta no *Dicionário da língua bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete muceltão, bem como sua corruptela certão, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de “mato”, sentido correntemente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para “mato longe da costa”. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo trouxeram-na para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário. (GALVÃO, *apud* MELO, 2006, p. 88).

Como vimos pelas pesquisas de origem da palavra, sertão é comumente conhecido como o lugar distante, lugar do interior, com muito

mato, de difícil acesso. Mas, no senso comum, pensa-se o sertão como lugar simples de povoamento escasso. Muitas dessas pesquisas sobre a origem da palavra sertão foram feitas em época anterior à publicação de *Grande sertão: veredas* e demonstram o quão controverso e difícil é conceituar sertão tão somente como lugar simples. Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* redimensiona a noção de sertão, fazendo-a ultrapassar as ideias delimitadas pelos pesquisadores e pelo senso comum, uma vez que o termo assume miríades significativas as mais diversas. Neste trabalho, pretendemos opor os sentidos de sertão explicitados nos textos de Pero Vaz de Caminha, na *Carta de Achamento do Brasil* (1500), Pero Magalhães Gândavo, no *Tratado da terra do Brasil* (15??) e Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado descritivo do Brasil* (1587) àqueles expostos por Rosa em *Grande Sertão: Veredas*.

O vocábulo sertão aparece duas vezes no texto de Caminha; na primeira denomina a terra na qual chega, por oposição a Portugal e também por não saber ainda por que nome chamar, mas também por nela haver fauna e flora abundantes e ainda selvagens. Na segunda menção tem-se a ideia de que por já ter adentrado um pouco aquelas terras, o autor tem certa noção da dimensão e faz oposição entre mar e sertão, quando diz: “Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.” (CAMINHA, s. d., p. 14).

Além da possível grandeza, Caminha já explicitava no excerto um dos objetivos da viagem, que era a busca por riquezas minerais, quando diz:

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. (CAMINHA, s. d., p. 14).

A constatação da grandeza da terra, da qualidade do solo e do clima – que é comparado ao de Entre Douro e Minho – estabelece uma equivalência favorável à colonização da terra que acabaram de pisar, pois facilmente os portugueses ali se adaptariam.

Em *Tratado da terra do Brasil*, já num contexto exploratório da terra *brasilis*, o termo sertão aparece seis vezes; em todas elas a noção de sertão como terra interior é perceptível; há ainda a oposição sertão/litoral ou costa, que terá vida longa na literatura e em estudos sócio-históricos e a oposição sertão/capitania, quando já dividido nas capitanias hereditá-

rias e, de certa forma, já em fase de povoação, diz-se do sertão como lugar despovoado, selvagem, propício para refúgio de nações indígenas:

Pelas terras desta Capitania até junto do Spirito Santo, se acha huma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis annos, e dizem que outros índios contrarios destes, vierão sobre elles a suas terras, e os destruirão todos e os que fugirão são estes que andão pela Costa. (GÂNDAVO, s. d., p. 06).

Mas o sertão é também considerado lugar perigoso, quando diz:

Não se pode numerar nem comprender a multidão de barbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não acha povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assi como são muitos permitiu Deos que fossem contrarios huns dos outros, e que houvesse entrelles grandes odios e discordias, porque se assi não fosse os portuguezes não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente. (GÂNDAVO, s. d., p. 14).

Interessa observar nesse excerto que, além de denunciar a falta de segurança para se caminhar pelo sertão, em função da enorme quantidade de índios “bárbaros”, Gândavo tem como positiva a inimizade entre eles, o que favorece a penetração dos portugueses por aquelas terras selvagens. No excerto abaixo, importa destacar a “franqueza” do autor em relação aos verdadeiros donos da terra, quando afirma: “Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitánias, tudo enfim estava cheio delles quando começarão os portuguezes a povoar a terra”. (GÂNDAVO, s. d., p. 14). Saber que a terra era alheia não foi motivo para desanimar os portugueses, até porque, continua Gândavo,

os mesmos índios se alevantarão contra elles e fazião-lhes muitas treições, os governadores e capitães da terra destruirão-nos pouco a pouco e matarão muitos delles, outros fugirão pera o Sertão, e assi ficou a costa despovoada de gentio ao longo das Capitánias. Junto dellas ficarão alguns índios destes nas aldêas que são de paz, e amigos dos portuguezes. (GÂNDAVO, p. 14).

Vejamos que a matança dos índios entre si, reforçada pelo poder bélico dos portugueses, inicia o processo de recuar o índio o mais possível para o interior do país, para o sertão profundo (como se pode atestar pela atual realidade dos indígenas brasileiros), ficando o litoral ao dispor dos invasores e para alguns índios que eram de “paz”, pois se fizeram amigos dos portugueses.

Caminhando para o final do documento, encontramos o sertão a significar lugar de onde vêm os índios escravizados e também por oposição às capitánias, conforme se lê:

E por isso ordenarão os padres e fizerão com os Capitães da terra que não houvesse mais resgates nem consentissem que fosse nenhum portuguez a suas aldêas sem licença do mesmo Capitão. E quantos escravos agora vêm novamente do Sertão ou das outras Capitánias todos levão primeiro à Alfândega e allí os examinão e lhes fazem prorguntas quem os vendeu, ou como forão resgatados, porque ninguem os pode vender se não seus pais ou aquelles que em justa guerra os cativão, e os que achão mal adquiridos põem-nos em sua liberdade, e desta maneira quantos indios se comprão são bem resgatados, e os moradores da terra não deixão por isso de ir muito avante com suas fazendas. (GÂNDAVO, s. d., p. 18).

Nas duas últimas vezes em que a palavra sertão é utilizada, aparece no sentido de interior afastado da costa e também como lugar de riquezas minerais intocadas e faz lembrar um dos objetivos das viagens exploratórias dos portugueses, qual seja, a procura por riquezas, como está patente na *Carta de Pero Vaz de Caminha* e em Gândavo:

A esta Capitania de Porto Seguro chegarão certos indios do Sertão a dar novas dumas pedras verdes que havia numa serra muitas legoas pela terra dentro, e trazião algumas dellas por amostra as quaes erão esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos indios dizião que daquellas havia muitas, e que esta serra era mui fermosa e resplandecente. Tanto que os moradores desta Capitania disto forão certificados, fizerão-se prestes cincoenta ou sessenta portuguezes com alguns indios da terra e partirão pelo Sertão dentro com determinação de chegar a esta serra onde estas pedras estavam. (GÂNDAVO, s. d., p. 20).

Em *Tratado Descritivo do Brasil*, Gabriel Soares de Sousa utiliza o termo 90 vezes em variadas acepções, dentre as quais destacamos o sentido de sertão como interior, que ocorre 55 vezes e por oposição à costa, 12 vezes. Como terra fértil e agricultável, o termo é mencionado 6 vezes; como terra a ser colonizada 5 vezes; como lugar de riqueza 4 vezes; como refúgio 3 vezes; por oposição a um rio 3 vezes. Por fim, listamos os sentidos com os quais o vocábulo aparece apenas uma vez: terra de vasta grandeza; terra onde se encontra pau-brasil; terra povoada por animais; por oposição à França e lugar de gente preguiçosa.

Com o projeto de colonização já em andamento, o texto de Sousa é mais enfático no que concerne às possibilidades exploratórias da terra, como vemos a seguir: “Esta terra do rio Grande é muito sofrível para esse rio haver de se povoar, em o qual se metem muitas ribeiras em que se podem fazer engenhos de açúcar pelo sertão. Neste rio há muito pau de tinta, onde os franceses o vão carregar muitas vezes.” (SOUSA, s. d., p. 30). Sabemos que a cana-de-açúcar foi um dos projetos mais rentáveis no início da colonização do Brasil e fica aqui expresso o desejo de identificar terras próprias para esse fim. A seguir, temos o exemplo de uma preocupação já apresentada por Caminha em 1500, que é a de saber se a ter-

ra tem riquezas minerais. O texto de Sousa, por sua vez, não só comprova a existência das pedras, mas também demonstra os usos de que fazem delas os índios e o quanto pode agradar aos nobres espanhóis, que na época colonizavam Portugal:

CAPÍTULO CXCIV

Em que se trata das pedras verdes e azuis que se acham no sertão da Bahia.

Deve-se também notar que se acham também no sertão da Bahia umas pedras azuis-escuras muito duras e de grande fineza, de que os índios fazem pedras que metem nos beiços, e fazem-nas muito roliças e de grande lustro, roçando-as com outras pedras, das quais se podem fazer peças de muita estima e grande valor, as quais se acham muito grandes; e entre elas há algumas que têm umas veias aleonadas que lhes dão muita graça.

No mesmo sertão há muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas, muito rijas, de que o gentio também faz pedras para trazer nos beiços, roliças e compridas, as quais lavram como as de cima, com o que ficam muito lustrosas; do que se podem lavrar peças muito ricas e para se estimarem entre príncipes e grandes senhores, por terem a cor muito formosa; e podem se tirar da pedreira pedaços de sete e oito palmos, e estas pedras têm grande virtude contra a dor de cólica. Em muitas outras partes da Bahia, nos cavoucos que fazem as invernadas na terra, se acham pedaços de finíssimo cristal, e de mistura algumas pontas oitavadas como diamante, lavradas pela natureza que têm muita formosura e resplendor. E não há dúvida senão que entrando bem pelo sertão desta terra há serras de cristal finíssimo, que se enxerga o resplendor delas de muito longe, e afirmaram alguns portugueses que as viram que parecem de longe as serras da Espanha quando estão cobertas de neve, os quais e muitos mamelucos e índios que viram essas serras dizem que está tão bem criado e formoso este cristal em grandeza, que se podem tirar pedaços inteiros de dez, doze palmos de comprido, e de grande largura e fornimento, do qual cristal pode vir à Espanha muita quantidade para poderem fazer dele obras mui notáveis. (SOUSA, s. d., p. 328-329).

Feitas essas apresentações dos usos do vocábulo sertão nos primeiros documentos que dão notícia da existência do Brasil, passemos a *Grande sertão: veredas*, romance no qual o termo sertão tem alcance literário dos mais expressivos. Antonio Candido em *O homem dos avessos*, afirma primeiramente que *Grande Sertão: veredas* é uma obra na qual tudo é forte e belo e na qual há de tudo para quem souber ler. Cada um poderá, segundo o autor, “abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar.” (CANDIDO, 2006, p. 111). Foi pensando nessa liberdade de inventar que tomamos a palavra sertão como uma das grandes invenções nesse romance de Rosa e nos permitimos sua comparação com o termo, quando utilizado nos textos acima apresentados.

Se pensarmos que os usos que o vocábulo tem nos textos dos colonizadores, podemos de alguma forma dizer que ao utilizar a palavra sertão Caminha, Gândavo e Soares a utilizavam a serviço de uma “cartografia verbal” que permitisse ao destinatário tomar uma decisão a respeito da colonização dessas terras e de quais formas, o que em Rosa nos parece diferente.

Para Adriana Ferreira de Melo, no caso do romance rosiano, o sertão não é possível de ser localizado e cartografado, pois se constitui como “espaço migrante, de cartografia volátil, (...). Mapeá-lo, fixando-o em pontos e linhas é contradizer a sua natureza ambígua, fugidia, descontínua, inconclusa, movediça, transitória.” (MELO, 2006, p. 88). Segundo Melo, o poeta-diplomata parece ter camuflado intencionalmente as marcas temporais e espaciais da narrativa “numa espécie de jogo narrativo cuja regra básica é a invenção fundada na mistura de lugares, situações, linguagens e homens “reais” e ficcionais” (MELO, 2006, p. 89). No jogo de verte e reverte com o sertão Rosa não só problematiza as discussões já consagrada pelos estudos, mas também possibilita ao sertão significar figuradamente tantas outras coisas, e é o que tentaremos apresentar aqui.

Em minucioso estudo monográfico, Rayanne Ribeiro faz um levantamento de 64 entradas para o termo sertão no romance de Guimarães Rosa. A autora as divide em quatro categorias, quais sejam, a geográfica, a sócio-histórica, a metafórica e a metafísica. Com base nessa categorização, ela investiga as possíveis significações que o termo assume ao longo do relato. Na categoria geográfica, sertão é entendido como espaço físico comumente conhecido como local com vasta vegetação, poucos habitantes e casas ou lugar de dentro, o que pode, de alguma forma, ser apreendido do trecho abaixo:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos, onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador, e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrojo de autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes, culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até virgens dessas lá ainda há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... o sertão está em toda parte. (ROSA, 2001, p. 23-24).

Nesse momento, Riobaldo diz que o sertão é pelos “campos-gerais a fora a dentro”; percebe-se assim a imprecisão, o oxímoro da frase

na tentativa de definir o indefinível. Depois ele diz: sertão é “fim de rumo”; é lugar que se divulga e “onde os pastos carecem de fechos”, onde se pode andar por muitas distâncias sem que se veja facilmente casa de morador, mas é também lugar onde criminoso vive tranquilo, longe de autoridades, o que remete à dimensão sociológica de sertão, uma vez que por mais que as várias definições destacadas na obra tenham sido agrupadas nas suas respectivas categorias, segundo seu valor semântico predominante, muitas delas perpassam por outras, se não todas, o que evidencia a polissemia ou a (in)definição de sertão. Por fim, Riobaldo diz: “o sertão está em toda parte”, ou seja, não é fixo, não é mapeável, não é definível. Está, inclusive, dentro de nós.

Quando a autora trabalha com a categoria histórico-sociológica, afirma haver descrição de grupos sociais, como os jagunços e coronéis. Vejamos: “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo quando vier que venha armado! E bala é um pedacinho de metal...” (ROSA, 2001, p. 35). Muitas vezes Riobaldo define o sertão relacionando-o com o campo semântico da força, o que nos dá a ideia de poder. Num lugar onde tudo é muito dificultoso, onde a escassez é a regra, a força é poder que sobressai. “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada.” (ROSA, 2001, p. 126). Esse sertão então é o sertão dos mais fortes, dos mais corajosos, o sertão povoado de criminosos. Essas duas definições de sertão têm forte relação com a categoria histórico-sociológica, pois o relato ocorre durante fins da República Velha, momento histórico quando o poder se concentrava principalmente nas mãos de quem tinha mais posses, mais carisma e, conseqüentemente, mais poderes políticos. Eram então os coronéis o centro do poder, mandavam e desmandavam em todo e qualquer território do qual se consideravam donos, sob a tutela do governo:

Um “coronel” importante constituía assim uma espécie de elemento polarizador que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social, fossem esses seus parentes ou inferiores.” A definição de uma determinada pessoa e da sua situação política tinha no coronel o seu ponto de referência. (QUEIROZ, 1997, p. 156.)

A presença do coronel no romance é marcante; em consequência dele há também os capangas, que representavam os zeladores da ordem e do poder emanado do coronel. Segundo Sandra Guardini Vasconcelos, os capangas pertenciam aos coronéis; não eram independentes e nem errantes. Em *Grande sertão: veredas* havia os jagunços; homens livres, não dependiam de ninguém, eram nômades e principalmente solidários uns

com os outros. Vasconcelos apresenta os jagunços do romance como intermediário entre capangas e cangaceiros; aproximam-se dos cangaceiros pela vida nômade e de sua organização; e dos capangas porque eles também integravam o sistema político reinante no sertão; “recriados a partir de dados da realidade, figuram, portanto, no romance como uma mistura que, combinando traços de um e outro tipo, resulta num tipo composto que retém características dos dois.” (VASCONCELOS, 2002, p. 8).

Pela via metafórica, Ribeiro analisa sertão como uma entidade personificada, ao qual é atribuído o poder de agir sobre os sujeitos. Tomemos como exemplo a seguinte passagem: “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.” (ROSA, 2001, p. 302). Por ser um lugar difícil, muitas vezes, quem vive nele quer empurrá-lo, ou seja, impulsionar com força a pobreza, a dificuldade e a escassez de tudo. E é justamente a força que é preciso para se viver nesse lugar, pois não é ela senão o que faz mover, o que faz mudar, o que dá poder. Por isso Riobaldo, na fazenda dos Tucanos, no meio da guerra, sitiado pelos inimigos, define o que é força: “Arreneguei do que é a força – e que a gente não sabe – assombros da noite” (ROSA, 2001, p. 370). Antonio Candido em relação a uma passagem bastante recorrente na obra, “Viver é muito perigoso...” (ROSA, 2001, p. 32), faz a seguinte afirmação e reforça a ideia anteriormente desenvolvida: “A vida perigosa força a viver perigosamente, tendendo às posições extremas a que podem levar a coragem, a ambição, o dever.” (CANDIDO, 2006, p. 128). A natureza humana do sertão está no fato de ele ser aquele que toma decisões na vida do sertanejo.

Em diálogo com Francis Utéza, José Carlos Garbuglio e Consuelo Albergaria, todos estudiosos na metafísica em Rosa, Ribeiro discute o sertão pela via da metafísica e a ela acrescenta os estudos de Giovanni Reale que, por sua vez, investiga os meandros da metafísica em Aristóteles.

Conforme o filósofo italiano, a metafísica é apresentada em toda a obra de Aristóteles em quatro acepções diferentes: “A primeira definição (...) caracteriza a metafísica como ‘ciência ou conhecimento das causas e dos princípios primeiros ou supremos’” (REALE, 2001, p. 37). Para o entendimento de tais acepções é preciso entender primeiramente o significado de ‘primeiro’ e ‘supremo’. Cada ciência tem um objeto, cada uma busca as razões da problemática de seu objeto; a matemática busca as razões das problemáticas dos números; a astronomia busca as causas e ra-

zões dos fenômenos celestes. A metafísica não busca as razões e causas de “zonas particulares da realidade” (REALE, 2001, p. 39), como faz cada ciência com seus objetos determinados, mas estuda e determina as causas e os princípios “de todas as coisas sem distinção, de toda a realidade sem restrição, ou seja, de todos os seres.” (REALE, 2001, p. 39, grifos do autor). Esse é, portanto, o significado das palavras ‘primeiro’ e ‘supremo’. A segunda acepção da palavra metafísica é muito próxima à significação anterior. Agora a metafísica é a ciência “do ser enquanto ser, e do que compete ao ser enquanto ser.” (REALE, 2001, p. 39).

A terceira definição de metafísica está relacionada à substância. A metafísica como a ciência do ser enquanto ser, portador de múltiplos significados. O principal é o significado de substância, não só do ser, mas o principal fundamento de todos os outros. Por fim a quarta definição de metafísica coloca-a como a ciência de Deus ou ciência teológica. No dizer de Reale, Aristóteles considera, entre as ciências, a metafísica sendo a mais divina por se tratar da ciência que Deus possui em grau supremo e por ter como objeto as coisas divinas. A metafísica é, portanto, algo acima do físico, e se existe algo que é eterno, imóvel e separado cabe a uma ciência teórica investigar, não cabendo à física. Para Aristóteles, segundo Reale, essas substâncias separadas seriam então Deus, “Movente e Imóvel, e outras Inteligências puras, moventes nos céus.” (REALE, 2001, p. 46).

Por fim, o autor conclui que as quatro definições são relacionadas, mas que todas se fundem na definição com base teológica, pois para o autor é ela que dá a todas as outras uma “latitude transfísica, isto é, uma relevância propriamente metafísica” (REALE, 2001, p. 47).

Desde o início da narração, Riobaldo vem preparando seu ouvinte para o contar narrado. Ele não começa a história em si; primeiro expõe seus pensamentos para que a história seja bem entendida. Primeiro apresenta o sertão geográfico para quem o escuta:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? (ROSA, 2001, p. 23-24).

Logo depois conclui: “O sertão está em toda parte” (ROSA, 2001, p. 24). Como entender que o sertão, aquele lugar deserto de casas e habitantes, lugar simplório, vasto de vegetação está em todo lugar, se seu lugar já é delimitado? Percebe-se nessa definição de sertão que ele não é mais tido apenas como lugar geográfico, mas como um lugar sem-lugar,

pois não é mais fixo, ele pode ser móvel, porque está em toda parte. Esse móvel do sertão só pode ser, dessa forma, o homem do sertão, esse homem que por viver nesse lugar muitas vezes dificultoso, misterioso, tem que ser forte, pois “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias” (ROSA, 2001, p. 35).

Nesse sentido, homem e lugar se entrelaçam, como corpo e alma, o homem representa o corpo e o sertão a alma. Por mais que esse homem saia do geográfico do sertão, o sertão estará sempre nele, e é justamente por isso que o sertão está em toda parte, e também por isso que Riobaldo afirma a todo o momento que “O sertão: é dentro da gente.” (ROSA, 2001, p. 325).

Garbuglio, a partir Cavalcanti Proença, afirma que há dois planos em *Grande sertão: veredas*, um que é a história de jagunço, outro que são as indagações feitas pelo narrador acerca de variados assuntos, ou seja, as constantes perguntas quanto aos acontecimentos da vida e sobretudo da existência ou não do diabo.

A guerra e a ação – narração – ocorrem justamente no momento em que não há especulação; quando há, é o tempo no qual ele está contando a história para o doutor da cidade, ou seja, é o tempo da narrativa. Assim, a todo o momento o sertão é especulado, é refletido, e ao mesmo tempo demonstrado, como se fosse teoria e prática e isso tem a intensão da busca da compreensão do “ser tão”, não apenas do lugar geográfico, nem apenas do homem desse lugar, mas do viver. Por isso Riobaldo especula: “Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredzinhas.” (ROSA, 2001, p. 116). Há nessa passagem a ideia de comparação dessas raras pessoas a veredas: veredzinhas, o que nos remete à explicação do título *Grande sertão: veredas*, que muitos têm como sendo oposição e ao mesmo tempo complementação do que é geral: grande sertão, e do que é específico: veredas. Assim, enquanto há o mais amplo conhecido por todos, há enraizado nesse amplo pequenos caminhos, ou pequenas vazantes. Do mesmo modo que um grande rio do qual saem outros menorzinhos, ou ainda como uma grande estrada da qual saem alguns pequenos caminhos, assim também é o entendimento do mistério do sertão; da multidão de pessoas existentes, há aquelas, algumas, que são as veredas, veredzinhas, aquelas que conseguem compreender esse conhecimento. Riobaldo pouco sabe do sertão e também poucos sabem dele porque, como se disse anteriormente, a metafísica é mistério, não é para se conhecer é para se sentir; desse modo é o sertão

Riobaldo, como iniciado, de acordo com Albergaria, está na busca, no rastro desse “ser” intenso, que é o sertão, o viver vivido.

Como esse conhecimento de sertão não é para todos, o próprio sertão confunde a gente, como é reiterado por Riobaldo:

O senhor faça o que queira e o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na aceitação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso. (ROSA, 2001, p. 548).

Estamos a todo o momento nele, mas quase não sabemos dele; além disso, ele é traíçoeiro. Essas afirmações assemelham-se às poucas definições que temos da vida, não sabemos ao certo por que e o que é a vida, mas a todo o momento estamos sendo surpreendidos pelos acontecimentos dela; é para isso que serve a metafísica, para pelo menos se indagar sobre a vida; ter noção de um objetivo de existência, pois como afirmado antes por Aristóteles, por meio de Reale, a metafísica busca o porquê último das coisas. E assim se enquadra o sertão presente em *Grande Sertão: Veredas*; ele nos confunde, se esconde, é contraditório, pois ao mesmo tempo em que está dentro da gente, está em todo lugar e ainda em lugar nenhum, pois “O sertão é sem lugar.” (ROSA, 2001, p. 370). Isso nos remete à ideia de Riobaldo de que “é, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” (ROSA, 2001, p. 27).

Assim, sertão ultrapassa toda possibilidade de delimitação, pois que ele é o viver, é o vivido, é o homem e tudo que o perpassa; é o demo; é ser forte, mas também é ser fraco; é aprender a viver; é questionar; é a terra e seus bichos que, por mais que haja seres perigosos, tem sempre um manuelzinho-da-croa que, segundo Candido, é “uma espécie de encarnação da ternura” (CANDIDO, 2006, p. 113). É, além disso, o próprio homem, pois que um habita o outro. É por tudo isso que o sertão não cabe só a um lugar geográfico. Rosa, por meio dessa obra, nem um pouco simplória, nos demonstra através da fala de Riobaldo que o sertão não é apenas regional, mas universal.

Aproximando os textos de Caminha, Gândavo, de Sousa do de Guimarães Rosa, a que conclusão chegamos? Na literatura dos viajantes, o sertão é tomado em seu sentido geográfico como interior, lugar distante da costa e colonizável devido ao clima, à fauna, à flora e à riqueza em minerais. Por vezes também aparece como refúgio, como lugar de gente selvagem. Enfim, nesse momento o sertão estabelece uma espécie de fronteira entre dois mundos: o civilizado e aquele por civilizar.

Em Rosa, com sua “liberdade de inventar”, para além dos sentidos geográfico, sócio-histórico, o sertão também tem sentido metafórico e metafísico. Quando o analisamos como potência significativa, vemos surgir como um signo impenetrável, porque nele não se chega, nele se está. É o sertão fora da ordem, desertor, aquele que é o homem humano, por isso não colonizável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da linguagem no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 31-07-2013.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 111-130.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b341.pdf>>. Acesso em: 31-07-2013.

GARBUGLIO, J. C. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

MELLO, Adriana Ferreira de. *O “lugar sertão”: grafias e rasuras*. Dissertação (de Mestrado em Geografia). Belo Horizonte: IGC, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História da civilização brasileira*. Tomo III – O Brasil republicano: estrutura de poder economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1975. p. 153-190.

REALE, Giovanni. *Metafísica*. Trad.: Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, Margarida do Amaral. Os “cantos do interior”: o sertão na palavra e a palavra no sertão. *Ícone*. Goiás, vol. 4, p. 17 – 36, 2009. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/volume4.html>. Acesso em 12-02-2012.

SOARES, Gabriel. *Tratado descritivo do Brasil*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>. Acesso em: 31-07-2013.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Homens provisórios. Coronelismo e jagunçagem em *Grande Sertão: Veredas*. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10/Conteudo/N10_Parte01_art25.pdf. Acesso em: 07-11-2011.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Sociedade e cultura*. Goiás, vol. 1, n. 1, jun. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/issue/view/348>. Acesso em: 01-02-2012.